

Sarney ameaça não viabilizar as coligações partidárias

JORNAL DE BRASÍLIA

7 NOV 1981

"Não vamos viabilizar as coligações partidárias, um casuismo das oposições" — ameaçou ontem o presidente do PDS, senador José Sarney, depois de se reunir demoradamente, no gabinete do líder do partido, senador Nilo Coelho, com o anfitrião, o vice-líder José Lins (CE) e o ex-presidente da casa, Luiz Viana Filho (BA), discutindo medida para vencer a obstrução feita pelos partidos oposicionistas.

"Diariamente, converso com as oposições. Ainda hoje de manhã estive com Humberto Lucena. Meu papel é o do diálogo", disse, na mesma oportunidade, Nilo Coelho.

José Lins ponderou: "Estão falando em convocação extraordinária do Congresso. Por que não aproveitamos o período que resta da sessão ordinária para votar?"

"Nós não vamos mais ser encostados na parede. No grito não vai mais. Rendição, não", disse ainda Sarney, aparentemente retemperado depois de uma quinzena de pessimismo e depressão ante o desentendimento com o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, em torno da retirada das mensagens presidenciais.

Apesar disso, ele afirmou que seu partido está disposto a transacionar com a oposição, "sem imposição de nenhuma natureza, esperando que ela seja sensível a essa proposta", sem dizer, porém, quais os dispositivos que podem ser negociados. Garantiu:

"Não podemos viabilizar a coligação partidária, um casuismo da oposição. Se a sublegenda foi derrubada sob a argumentação de que fragmentava os partidos, como vamos permitir a fragmentação através das coligações? É contradição que não podemos aceitar. Regular a permissão para coalizões partidárias, através da lei? Isso não".

Admitiu que, durante o encontro, "tratamos da pauta de trabalhos do Senado e da Câmara, uma vez que estamos diante de um impasse que devemos transpor, pois tal situação não é

boa para o parlamentar nem para a própria abertura".

HARMONIA

Segundo Sarney, "negociar é bom para todos e para tanto devemos até excluir os conceitos de governo e oposição, ficando atento apenas ao interesse do Parlamento. O essencial é que se possa harmonizar pontos de vista discordantes em torno de proposições políticas ou de natureza administrativa, ora em tramitação no Congresso".

O líder do governo, Nilo Coelho, ao ser indagado se o PDS continua sem comando, negou:

"A semana começou bem, como vocês estão vendo. Acabo de sair de uma reunião com o presidente do partido e as lideranças".

Ele não negou o desentendimento do PDS com setores do governo: "Tenho dito isto, mas estamos procurando um ajuste".

Um repórter perguntou: O coordenador político do governo poderia ser Leitão de Abreu?

Coelho confirmou: "Você citou um grande, um excelente nome. O ministro Leitão de Abreu tem, para tanto, experiência administrativa e muita vivência política".

É a briga de Ibrahim Abi-Ackel, com a cúpula do PDS?

"Há opiniões diferentes, o que é natural em toda agremiação política. Nada impede o diálogo".

Indagado sobre o distritão, alegou: "Não tenho novidades, mas ele vai em boa marcha. A maioria é favorável, eu acho".

Mais adiante, Coelho disse ainda não conhecer o voto a ser dado pelo relator da matéria, Aderbal Jurema:

"Não conheço o voto do Aderbal. Sei, porém, que há uma tendência muito grande no PDS favorável ao distritão que deve alcançar apoio satisfatório, graças a alguns votos da oposição, onde também encontra tendências favoráveis".